

1950: o olhar da imprensa

Juan José Torres Gilardi

Graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Resumo

Este artigo faz uma análise da conduta da imprensa esportiva sobre o jogo Brasil x Uruguai na Copa do Mundo de 1950 e aponta o reflexo desse comportamento na construção do “trauma” coletivo que foi, para os brasileiros, a perda dessa Copa do Mundo.

Palavras-chave: Copa do Mundo; 1950; imprensa.

Abstract

This article makes an analysis of the sport press' behavior about the game Brazil x Uruguay in the 1950 World Cup and points to the reflex of this behavior in the construction of the collective “trauma” that the loss of this World Cup was to the Brazilian people.

Keywords: *World Cup; 1950; press.*

Introdução

Dia 16 de julho de 1950, 15h, Estádio do Maracanã. Brasil e Uruguai se enfrentam pela última partida da Copa do Mundo. Com o empate o Brasil se consagra campeão. Aproximadamente 200 mil pessoas estão presentes. O primeiro tempo passa sem gols. Logo no começo do segundo, Friaça abre o placar para o Brasil e a multidão vai ao delírio; minutos depois Schiaffino empata para o Uruguai e a multidão vai ao silêncio; pouco depois Ghiggia vira o jogo e a multidão vai ao desespero. Com o apito final do juiz e o Uruguai campeão do mundo, a multidão vai às lágrimas. Começa aí um dos maiores “traumas” nacionais da história.

O antropólogo Roberto Da Matta acredita que este evento “é, talvez, a maior tragédia da história contemporânea do Brasil” (apud MORAES NETO, 2000, p. 39). E contextualiza as implicações daquele acontecimento: “Ocorreu no início de uma década na qual o Brasil buscava marcar o seu lugar como nação que tinha um grande destino a cumprir. O resultado foi uma busca incansável de explicações e responsabilidades para essa vergonhosa derrota” (Ibid.).

127

De fato, o Brasil, sem participação significativa nos conflitos da Segunda Guerra, tinha, no crescente desenvolvimento de suas indústrias, a primeira condição para chegar ao tão sonhado “primeiro mundo”. A década de 50 prometia marcar essa passagem. Neste contexto, organizar a primeira Copa do Mundo do pós-guerra; construir, para o evento, o maior estádio do mundo – o Maracanã – e conquistar o título eram objetivos vinculados à tentativa de afirmação nacional. O último falhou.

Pelo seu significado, pelas condições em que aconteceu e por sua repercussão – que ultrapassa os “traumas” individuais para transformar-se em um dos maiores “traumas” de toda uma nação – a derrota da Copa de 1950 entrou para história não apenas como uma partida de futebol, ou mesmo como a perda de uma Copa do Mundo (a derrota na final da Copa de 1998 não chegou nem perto da importância da derrota em 50): o *Maracanazo* – como os uruguaios costumam se referir ao episódio – é um dos maiores golpes que a auto-estima do brasileiro sofreu no século XX. E essa é uma das motivações para a realização deste trabalho.

A outra é de ordem pessoal. Além de apreciar o esporte, o meu interesse naquele Brasil x Uruguai é em função da minha identidade nacional. Brasileiro de nascimento e com todos os parentes diretos uruguaios, criou-se em mim um hibridismo cultural curioso. Feijoada e chimarrão não são, para mim, uma combinação exótica. Quando estou no Brasil carrego, junto aos meus amigos, a alcunha de “uruguaio”. Quando estou no Uruguai me chamam “brasilerito”. E, aqui ou lá, assumo a identidade “oposta” e tenho orgulho de ambas. E, salvo posterior análise psicanalítica, isso nunca me trouxe problemas. Se, junto

à minha família, tenho que ouvir gozações sobre aquele episódio, aqui posso encher o peito e dizer que sou campeão do mundo de 50. Até 1994, por exemplo, os uruguaiois se consideravam os únicos tetracampeões do mundo e se vangloriavam de ter conseguido esse título justamente naquela Copa de 50, sobre o Brasil^a. A partir de 1994 deixaram de ser os únicos². A Copa de 50, portanto, é para mim ao mesmo tempo uma decepção e um orgulho.

A Copa

A Copa de 1950 foi a primeira realizada depois da Segunda Guerra Mundial. O Brasil foi o único país a se candidatar como sede porque os países europeus não tinham condições nem interesse em sediar a competição, pois estavam em pleno processo de reconstrução.

À época, o futebol – profissional desde 1932 – já era o esporte que mais despertava paixões e mobilizava as massas no Brasil. Construiu-se, especialmente para o evento, o maior estádio do mundo, o Maracanã. Apesar de não ter ficado concluído até o momento da competição, alguns jogos foram disputados no seu gramado. Dentre eles, a partida final que teve público recorde. Uma quantidade de gente nunca antes reunida para assistir a um jogo de futebol. Apesar do público oficial de 173.850 torcedores, estima-se que tenham comparecido ao estádio perto de 200 mil torcedores o que representava, à época, aproximadamente 10% da população da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda no jogo de inauguração entre Brasil e México: “[...] muitas entradas ainda não estavam prontas, outras estavam bloqueadas pela multidão que se comprimia sobre tijolos e vergalhões e andaimes quebrados. Quando a seleção do Brasil penetrou no gramado, foi saudada por vinte e um tiros de canhão e uma rajada de fogos soltos pela multidão. Miríades de balões subiram ao céu; as Forças Armadas soltaram cinco mil pombos, e uma nuvem de papel picado caiu de um teco-teco sobre o gramado” (GIANVILLE, 1973, p. 58)

Ao contrário do que muitos acreditam, a partida entre Brasil e Uruguai não foi uma “final” de Copa do Mundo como as que acontecem atualmente. Naquele ano, e pela última vez, o campeonato foi organizado de maneira que a fase final seria disputada pelos quatro primeiros colocados dos quatro grupos. O objetivo era não fazer com que uma simples derrota desclassificasse uma seleção. Isso porque as viagens (normalmente de navio) podiam durar dias ou semanas e, muitas vezes, sob o risco de perder na primeira partida e ficarem eliminadas, as seleções de países distantes ao da sede desistiam de participar. Assim, aquele Brasil x Uruguai foi, simplesmente, a última partida do quadrangular final disputado, além dos dois, por Espanha e Suécia. “Se se vai programar uma Copa do Mundo, manda a experiência que se programe

uma Final. Estranho que em 1950, embora não se tenha tomado qualquer providência nesse sentido, a partida Brasil vs. Uruguai que decidiu o Torneio foi tão emocionante, seu clímax tão espetacular, que nenhuma Final oficial poderia ter sobrepujado. Certamente o povo ainda fala dessa partida, erroneamente – o que é desculpável – como a Final” (Ibid., 1973, p.67).

Assim sendo, foi mera coincidência o jogo Brasil x Uruguai ter sido o jogo final. Se tivesse sido o primeiro desse quadrangular final e, mantendo-se todos os resultados como foram, o Brasil poderia ter fechado o certame com a goleada de 6 a 1 contra a Espanha e, mesmo assim, perdido a Copa do Mundo. O “trauma”, provavelmente, não teria tomado as proporções que tomou.

Mas a história não quis assim. Na última rodada, então, o Brasil jogaria contra o Uruguai e a Espanha contra a Suécia. O Brasil havia vencido as duas partidas anteriores (contra a Suécia por 7 a 1 e contra a Espanha por 6 a 1) e estava com 4 pontos. O Uruguai havia empatado com a Espanha em 2 a 2 e vencido a Suécia por 3 a 2. Tinha, assim, 3 pontos. O Brasil, então, ia para o encontro com o benefício do empate.

A confiança era muito grande. Além da vantagem, o Brasil havia goleado seleções que tinham feito jogos equilibrados contra o Uruguai. O país inteiro tinha certeza da vitória. O peso daquela decisão levava, todos os dias, diversos políticos à concentração da seleção para oferecer não só recompensas financeiras, mas cargos públicos aos jogadores em caso de vitória.

O clima já era exagerado e, para contribuir ainda mais com a idéia do “já ganhou”, minutos antes do jogo o prefeito do Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, discursou no Maracanã com as seguintes palavras: “Vós brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós brasileiros que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós que não possuís rivais em todo o hemisfério; vós que superais qualquer outro competidor; vós que eu já saúdo como vencedores!” (apud CUNHA, 2002, p.36).

Até hoje espera essa vitória.

A imprensa

A pesquisa foi realizada a partir de consulta, na Biblioteca Nacional, das manchetes publicadas em periódicos brasileiros nos dias próximos (anteriores e posteriores) à final. Assim, analisou-se o comportamento da imprensa nesse período em dois momentos: o primeiro, antes da final, na direção da certeza da vitória e o segundo, depois da final, procurando entender os reflexos do resultado. Optou-se por analisar publicações especializadas em esportes. Os periódicos estudados foram: *Jornal dos Sports*; *Esporte Ilustrado* e *Mundo*

Esportivo. O primeiro tinha periodicidade diária e era publicado no Rio de Janeiro. O segundo, publicado também na então capital, chegava às bancas toda quinta-feira. O último saía às sextas-feiras, em São Paulo.

Gravações radiofônicas das transmissões do jogo pela Rádio Nacional e gravações obtidas na Internet, da Rádio Sarandí (de Montevideú), também foram consultadas para a pesquisa.

Já ganhou

“O *já ganhou* instalara-se na alma do povo. E não queríamos uma vitória apertada. O escore pequeno seria humilhante para nosso orgulho. Queríamos a goleada faraônica” (RODRIGUES, 1966). Assim, Nelson Rodrigues retratou o quadro que se instalou antes do jogo. E que, como veremos, a imprensa ajudou a pintar.

No dia 13 de julho, data do segundo jogo do quadrangular final, contra a Espanha, o *Jornal dos Sports* aparecia com a seguinte manchete: “Arrancada para o título supremo” (*Jornal dos Sports*, 13 julho de 1950).

O jornal paulista *Mundo Esportivo*, desde o começo da Copa, criticou o técnico Flávio Costa. Os desentendimentos começaram quando Costa optou por realizar os jogos do Brasil no Rio de Janeiro. São Paulo só pôde assistir a um único jogo da seleção no Pacaembu. Foi contra a Suíça, ainda na primeira fase. Nesse contexto, no dia 14 de julho, o editorial desse jornal traz o seguinte trecho: “São Paulo demonstrará, ainda uma vez, que mesmo colocado quase à margem pela orientação errônea do técnico, o que mais lhe importa é o Brasil. Sim, o nosso querido Brasil. Ante a magnitude que será o hasteamento do pavilhão nacional no mastro da vitória, desde que tal coisa aconteça, as tremendas decepções passadas serão totalmente esquecidas.” (*Mundo Esportivo*, 14 de julho de 1950).

No dia 15 de julho, o *Jornal dos Sports* trazia a manchete: “Tudo preparado para a vitória” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 12). Essa manchete abre uma matéria que fala sobre os preparativos para as comemorações.

Na edição do dia 16, data da final, a manchete do *Jornal dos Sports* é: “À Vitória, Brasil” (*Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 5). Nesse dia, o destaque dado ao selecionado uruguaio é mínimo. Em todo o jornal só há uma matéria, ocupando menos de um quarto da página oito, a respeito do Uruguai cujo título é: “Várias dúvidas motivadas pelo estado físico de alguns craques orientais” (*Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 12). O otimismo continua: na página cinco há uma matéria com o título “Lutará a Espanha pelo segundo posto” (*Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950). A matéria fala sobre o jogo contra a Suécia que seria realizado nesse mesmo dia no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. De acordo com a tabela naquele momento, para

a Espanha ficar em segundo teria que ganhar da Suécia e o Brasil ganhar do Uruguai. Se o Uruguai ganhasse (como acabou acontecendo) uma vitória da Espanha ainda a deixaria em terceiro (a Suécia acabou vencendo por 3 a 1). Ora, o jornal já dava a vitória brasileira como fato, por isso falava em luta pelo segundo posto.

A omissão em relação à vantagem do empate é quase geral em todos os periódicos analisados. Em poucos momentos lembra-se ao público de que o Brasil tem a vantagem do empate. O triunfo é o único resultado aceitável e – mais do que isso – possível.

Por fim, na página nove, há uma coluna de Alfredo Curvelo cujo título é “Daqui a pouco o título supremo” (*Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950).³

Mas foi para o Uruguai

No dia 17 de julho, o *Jornal dos Sports* não circulou. Há uma lenda que diz que muitos jornais não circularam nesse dia porque já estariam prontos para serem rodados com todas as matérias sobre a vitória brasileira e, com a vitória celeste, não teriam tido tempo para reeditá-los.

O *Jornal dos Sports* não circulava às segundas-feiras nessa época e o atual chefe de reportagem, José Antonio Gerheim, por *e-mail*, confirma que esse foi o único motivo da não-publicação nesse dia: “O *Jornal dos Sports*, como era hábito na época, não saía às segundas-feiras, assim como o *Jornal do Brasil*. E não havia provavelmente condições de edição extra, o que só veio ocorrer na década de 70”, conta.

No dia 18 de julho, ao contrário do dia da final, o *Jornal dos Sports* dedica um espaço significativo ao Uruguai: páginas três, quatro e cinco completas. A manchete, no entanto, ainda refletia uma não aceitação da derrota, tentando encontrar pontos positivos: “Uruguai, campeão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor *team* do mundo” (*Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950).

Essa tentativa de conformismo pela derrota continuou nos dias seguintes. No dia 19 a manchete era: “Sucesso financeiro sem precedentes” (*Jornal dos Sports*, 19 de julho de 1950) referindo-se às arrecadações recordes atingidas durante o campeonato. Já no dia 20 a manchete era: “Consagração em Montevideu à torcida brasileira” (*Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1950). Essa matéria explica que o Peñarol, time tradicional da capital uruguaia, confeccionaria uma placa de bronze em homenagem ao excelente comportamento do público no Maracanã.

Profeticamente, em 20 de julho de 1950, quatro dias após o jogo, o jornal *Esporte Ilustrado* previa: “Bater o recorde mundial de construção do maior estádio, bater várias vezes os recordes mundiais de bilheteria e assistência, e não

conseguir no último instante o recorde mundial de futebol é a grande mágoa que o jogador número 12 do Brasil – o torcedor – guardará para sempre. Daqui a muitos anos, os que dormiram nas filas, os que lutaram para ingressar no estádio, contarão para os seus filhos e netos que nasceram após 16 de julho de 1950 a história de uma Copa do Mundo que poderia ter sido do Brasil, mas que foi para o Uruguai” (*Esporte Ilustrado*, 20 de julho de 1950).

No dia 21, o editorial do jornal *Mundo Esportivo* descreve assim a decepção: “O melhor é nos esquecermos da tragédia que se abateu sobre o futebol do Brasil. (...) Os terríveis pesadelos, quem não os deseja esquecer? (...) Como igualmente não queremos mais lembrar do que se passou no Maracanã. Foi um sonho mau que atormentou nosso espírito” (*Mundo Esportivo*, 21 de julho de 1950). Essa edição, assim como aconteceu com o *Jornal dos Sports*, parece tentar negar a derrota do Brasil e, na capa, coloca a “seleção do mundial”, escalada com os melhores jogadores da competição. Nada dizendo sobre o resultado do Maracanã. Na página três, fala sobre a “seleção do mundial”; a página seis dá destaque a seis jogadores uruguaios; a página sete traz a matéria: “Drama, Tragédia e Ridículo”; as páginas oito e nove são dedicadas a uma matéria de ataque aberto ao técnico Flávio Costa, depositando-lhe toda a culpa pela derrota. O título é: “Indiferença e turricice, armas contra o Brasil” (*Mundo Esportivo*, 21 de julho de 1950).

No dia 27 de julho, merece destaque uma reportagem do *Esporte Ilustrado* assinada por Charles Guimarães que, novamente, reflete o sentimento de que tínhamos que ganhar em alguma coisa. Sob o título “Torcida do Brasil Campeã do Mundo” vem o seguinte texto: “Sim, meus amigos! Quando com os olhos marejados de lágrimas, desfiamos o rosário de decepção e dobramos essa página negra da história do nosso futebol para não mais revivê-la, encontramos mais adiante um consolo [...] uma vitória soberba da torcida qualificada pelos próprios visitantes como a campeã absoluta do universo! [...]” Mais adiante, a mesma reportagem exagera escancaradamente: “Nada menos que 230.000 espectadores estiveram no Maracanã para assistir à peleja final” (*Esporte Ilustrado*, 27 de julho de 1950). O público oficial da partida foi de 173.850 torcedores. As estimativas calculam que havia cerca de 200 mil torcedores no estádio, mas 230 mil é, claramente, um exagero.

O “trauma”

A concentração da seleção em São Januário tornou-se um inferno: muitos políticos e homens de negócios traziam promessas aos jogadores, já campeões do mundo; os atletas do Brasil tiveram que empurrar o ônibus a caminho do estádio; Obdúlio Varela, capitão uruguaio, deu um tapa em Bigode, ainda no primeiro tempo; o técnico do Brasil, Flávio Costa, proibiu os jogadores brasileiros de cometerem faltas. Essas e muitas outras histórias

rondam aquela partida. Algumas assumidas, outras negadas e a maioria sem comprovação. Mas o fato de elas existirem demonstra a importância dada ao tema. Só uma preocupação excessiva com um determinado assunto, uma obsessão, pode explicar a proliferação de tantas histórias e versões.

Até o momento exato dos gols é bastante divergente entre as fontes. Geneton Moraes Neto fala em Friaça aos 13 minutos do segundo tempo, Schiaffino aos 25 minutos e Ghiggia aos 35 minutos (2000, p.53). Já Paulo Perdigão, ao cronometrar a partida a partir da narração da Rádio Nacional, aponta Friaça a um minuto e 21 segundos do segundo tempo, Schiaffino a 20 minutos e 13 segundos e Ghiggia a 33 minutos e 30 segundos (1986).

Em depoimento a Paulo Perdigão, o escritor Carlos Heitor Cony confessa: “Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã. Duzentas mil pessoas viram quando Ghiggia fez o segundo gol do Uruguai. Foi um lance claríssimo, sem qualquer confusão que pudesse suscitar dúvidas: havia apenas Ghiggia, Bigode, Juvenal e Barbosa. Pois bem: depois do jogo, não encontrei uma só pessoa que descrevesse aquele lance da mesma maneira. Então, como acreditar na versão de meia dúzia de apóstolos, os poucos que viram Cristo ressuscitar, meio na penumbra, num local ermo e obscuro?” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 15)

“Não, lá dentro, não”, (apud NETO, 2000) fincou o pé Barbosa, goleiro da seleção naquela partida e apontado, por muitos, durante muitos anos e até hoje como o principal culpado pela derrota. A negativa refere-se a um convite feito, em 1986 (quase quatro décadas depois do jogo), a Barbosa para conceder uma entrevista ao *Jornal da Globo* dentro do gramado do Maracanã. O trauma era tão grande que a simples idéia de voltar àquela trave o deixava assustado. Barbosa se conforma: “Eu jamais sairei da história do futebol brasileiro por causa daquele jogo, em 16 de julho de 1950” (apud NETO, 2000, p. 53).

Em muitas ocasiões se fazem analogias entre o futebol e a guerra. É o capitão que comanda o time, os goleadores são denominados artilheiros, chutes fortes são bombas, há estratégias, utilizam-se armas, fatores-surpresa e contra-ataques. Nelson Rodrigues, ao falar sobre o assunto, também faz alusão a uma guerra e o simbolismo de sua imagem nos dá a idéia do impacto daquele resultado. “Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950” (*Revista Realidade*, junho de 1966). Talvez, na ânsia de criar uma metáfora que retratasse aquele momento, Rodrigues faz uma comparação que chega a ser imoral. Em Hiroshima morreram, só com o lançamento da bomba, aproximadamente 100 mil pessoas. E muitos morrem até hoje, ainda vítimas de males referentes à radioatividade. Quantos brasileiros morreram no Maracanã? Que se tenha registro, nenhum.

O escritor Carlos Heitor Cony sentencia: “Quem passou pelo 16 de julho de 1950 merece um monumento coletivo, como o do Túmulo do

Soldado Desconhecido. São essas coisas que formam uma pátria, um povo encharcado em sua dor” (apud NETO, 2000, p. 30). Perder uma Copa do Mundo é capaz de formar uma pátria e encharcar um povo em dor? Só se pode cometer um exagero desses num país como o Brasil no qual a nação não foi, definitivamente, formada sobre um histórico de guerras de independência e/ou conquista e defesa de território.

Flávio Costa também usa a metáfora da guerra e se compara a um general – que deve explicações: “Nem o General Solano López teve de explicar tanto a derrota para o Brasil na Guerra do Paraguai. Se eu viver dez anos a mais, vão ser dez anos de explicações” (apud NETO, 2000, p. 149).

A declaração de Danilo, meio de campo da seleção brasileira, também impressiona, não só pelo impacto psicológico que sofreu, mas por sugerir a perseguição que lhe foi feita por torcedores e críticos. “Olha, se eu tivesse morrido ao apito final que decretou nossa derrota, teria sido melhor para mim. Deus sabe o que sofri.” (apud CUNHA, s.d., p. 204).

O outro lado

134

“Apenas três pessoas calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 141). A declaração, de Ghiggia, dá o tom de sua façanha.

Enquanto no Rio de Janeiro a cidade parava, Montevidéu parecia praticamente indiferente ao jogo. No dia 9 de julho, na mesma hora em que a seleção celeste sofria para empatar com a Espanha no Pacaembu, o Estádio Centenário – que 20 anos antes vira o Uruguai conquistar a primeira Copa do Mundo – assistia a Peñarol e Racing. E no dia 16, enquanto onze uruguaios se perfilavam no gramado do Maracanã, outro jogo oficial começava no Parque Rodó, em Montevidéu: Defensor x Progreso.

Na concentração brasileira, inúmeros empresários e políticos ofereciam todo tipo de presentes e prêmios aos “campeões”. A delegação uruguaia recebeu um único telegrama: “Oyama S.A., contagiada pelo sentimento do povo uruguaio e representando-o, decidiu premiar o conjunto de jogadores uruguaios da seguinte maneira: ganhando \$10.000, empatando \$5.000 e perdendo \$2.000. Saudações e sucesso”⁴ (MORALES, 2000, p. 346).

Apesar da pouca idade – na época tinha oito anos – meu pai se lembra que os uruguaios também tinham certeza da derrota e, ao final da partida, ninguém acreditava. “Meu pai pegou toda a família e fomos todos de carro até a 18 de Julio (principal avenida de da capital uruguaia). Acho que toda Montevidéu estava na rua. Lembro-me de ter sentado no capô do carro. Todos choravam”, conta. Já minha mãe – com sete anos – afirma que meu avô não desgrudava o ouvido do rádio. “Ele não

gritou muito os gols do Uruguai. Acho que ele sabia que o Brasil reagiria e golearia”, lembra.

Quem, de fato, gritou muito os gols do Uruguai foi o locutor Carlos Sole, que marcou época na rádio uruguaia. Sole narrava para a Rádio Sarandí e transmitiu assim o final daquele jogo:

Acabou o jogo! Acabou o jogo! Uruguai campeão! Acaba de terminar o jogo no Rio de Janeiro! Uruguai, senhoras e senhores ouvintes da Rádio Sarandí, campeão pela quarta vez! Os senhores não podem imaginar a emoção, a alegria. Esse algo estranho, indescritível que vem do peito à garganta, que dá um nó e que não permite que o pensamento flua de forma clara e terminante para que o léxico e a expressão se façam, também, senhoras e senhores ouvintes, mais compreendida. Eu estimo que os senhores saberão desculpar. Imagino a enorme alegria, o enorme entusiasmo e as caravanas incessantes por nossa Montevideu e em toda a República Oriental do Uruguai. E as imensas colinas e serras nas quais se estende nosso fértil campo poderão festejar o título ganhado pelo Uruguai. Uruguai 2, Brasil 1.⁵

Nem os próprios jogadores acreditavam na façanha. O capitão do time uruguaio, Obdúlio Varela, é apontado como responsável pela vitória. Tinha fama de valente e, antes do jogo, discursou no túnel do vestiário, convocando os jogadores para a luta. “Esqueçam os dirigentes e o público. Aqui dentro eles são onze e nós também” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 81). Teve, ainda, o suposto tapa dado em Bigode e a reclamação com o árbitro, após o gol do Brasil, que durou um minuto, na tentativa de esfriar o jogo⁶. Mas o próprio Obdúlio confessa que se surpreendeu com a vitória. “Se jogássemos cem vezes aquela partida, iríamos perdê-la cem vezes” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 172)

Talvez o mais curioso tenha sido a reação posterior à vitória. Os jogadores uruguaio se sentiram, de certa forma, culpados por ter causado toda aquela tristeza ao povo brasileiro. Na noite do jogo, alguns jogadores saíram para beber e não sabiam se tinha sido bom vencer. Schiaffino lembrou: “Choravam todos, nunca vi nada assim”⁷. Obdúlio admite: “Senti tanto por haveremos ganhado. Foi uma barbaridade. Claro que toda equipe deseja ganhar, mas a tristeza que logo era palpável nas ruas impressionava. Creio que foi uma injustiça” (apud PERDIGÃO, 1986, p. 173).

Mais uma vez é interessante mostrar o contraste entre a situação das duas seleções. Enquanto os jogadores brasileiros tinham prometidos relógios, carros, apartamentos e até terrenos, os celestes pouco receberam além do prestígio. O jornal *El Diario*, de Montevideu, no dia 19 de julho traz o seguinte anúncio de uma loja de departamentos: “Ghiggia e Schiaffino estão convidados a comparecer a Grandes Tiendas Montevideo, onde cada um receberá de presente UMA LINDA COLCHA de casal [...] e MEIA DÚZIA DE TOALHAS de banho da melhor qualidade [...]” (*El Diario*, 19 de julho de 1950).

Considerações finais

A Copa de 50 transformou-se num divisor de águas no futebol brasileiro. Além de, por superstição, a seleção brasileira nunca mais ter usado o uniforme branco⁸, muitos acreditam que foi no momento da derrota para o Uruguai que o Brasil começou a ganhar os campeonatos mundiais de 58, 62 e 70.

Mas o olhar do futebol não é o foco deste artigo. A análise, aqui, do comportamento da imprensa esportiva no episódio, buscou recuperar o clima criado em torno daquele jogo e do seu resultado, que acabou se transformando em grande “trauma” nacional e representando um choque na auto-estima do brasileiro que só foi amenizado – mas nunca superado – com o título da Copa de 58.

Poderíamos explicar o comportamento otimista da imprensa, antes do jogo, e conformista depois, pelo lado comercial. Estatísticas indicam que os jornais cariocas vendem mais em dias seguintes a vitórias do Flamengo, por exemplo. Na Copa de 50, então, é possível que, se às vésperas um determinado jornal assumisse uma postura pessimista ou até mesmo neutra (que já seria pessimista com relação ao clima do momento), vendesse menos. E é provável que, se estampasse na capa, depois do jogo, manchetes com referências diretas à vitória do Uruguai, sem colocar alguma coisa que confortasse o leitor, ele também perdesse vendas.

Esse comportamento da imprensa pode ter contagiado e fomentado o exagerado otimismo antes do jogo final. Mas não podemos reduzir todas as conseqüências a razões financeiras da imprensa. Até porque repórteres, editores, chefes e donos de jornais também estavam envolvidos emocionalmente com o jogo e, como a grande maioria, deviam acreditar piamente na vitória brasileira.

Não é incomum, num diálogo entre brasileiros e uruguaios, os primeiros destacarem que o país do Rio da Prata já foi uma província brasileira⁹, ao que os orientais respondem que se separaram para poder ganhar a Copa de 50. No entanto, a derrota parece ter um peso muito maior para os brasileiros do que a vitória para os uruguaios.

“É incrível, cada vez que chega esta data, nos fazem notas no mundo inteiro. Tem mais impacto no exterior do que no Uruguai. Aquilo foi um bom triunfo, sem dúvidas, mas nada mais, depois inventaram muitas histórias. É que os jornais têm que encher páginas”¹⁰. A declaração é do goleiro uruguaio Roque Máspoli e vai ao encontro do comportamento da imprensa brasileira nos dias seguintes àquela partida: assim como acontece na maioria dos jogos importantes, três dias após a final de 50 os jornais já não falavam mais no assunto. Hoje, no entanto, a cada aniversário do *Maracanazo* são realizadas reportagens sobre o tema.

Mais do que tentar explicar por que o Brasil perdeu aquele jogo, vejo a necessidade de buscar explicações para a dimensão que aquele resultado tomou. Apesar do tanto que se fala a respeito daquela partida, infelizmente, há no Brasil poucas fontes bibliográficas sobre o tema e, para dar continuidade à investigação é necessário ampliar a pesquisa para outras fontes, principalmente no Uruguai (jornais, revistas, transmissões do jogo e livros). É esse o meu próximo passo no objetivo de transformar este estudo num trabalho maior de tese e no sonho de um livro.

Referências bibliográficas

CONY, Carlos Heitor. O Harém das bananeiras. In: MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000

CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Col. Publicitária, Comunicação e Marketing Ltda., s.d.

_____. *O Brasil nas copas do mundo*. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002.

GIANVILLE, Brian. *O Brasil na Copa do Mundo*. Rio de Janeiro: Cia. Gráfica Lux, 1973.

MANCUSO, Radamés. *Obdúlio, el Último Capitán*. Montevideu, 1973. In: PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.

MORALES, Franklin. *Maracaná: Los laberintos del carácter*. Montevideo: Ediciones Santillana, 2000.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo: L&PM, 1986.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Revista Realidade*, junho 1966.

Notas

¹ Os uruguaios ganharam o torneio de futebol das Olimpíadas de 1924 e 1928, quando ainda não existia a Copa do Mundo e venceram, ainda, a primeira Copa do Mundo disputada no Uruguai, em 1930. Por isso, muitos alegam que a “celestes olímpica” – apelido dado à seleção uruguaia – é quatro vezes campeã do mundo.

² Em 1994, o Brasil conquistou sua quarta Copa do Mundo nos Estados Unidos. Os três primeiros títulos foram em 1958 (na Suécia), 1962 (no

Chile) e 1970 (no México).

³ CURVELO, Alfredo. Daqui a pouco o título supremo. *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950. p. 9.

⁴ \$3 equivaliam, na época, a 1 dólar norte-americano.

⁵ <www.sarandi690.com.uy/690/sole/uysita_gol2.ram>

Acesso em: 14 set. 2004.

⁶ PERDIGÃO conta isso no seu livro, a partir da transmissão da Rádio Nacional.

⁷ Disponível em:

<<http://www.superfutbol.com.ar/Informes/AlegreElMaracanazo.htm>>.

Acesso em: 19 ago. 2004. “*Lloraban todos, nunca vi algo así*”.

⁸ O uniforme do Brasil, até a Copa de 1950 era formado por camiseta branca, calção branco e meias brancas. Depois da Copa, o adotou-se o uniforme que se usa até hoje: camiseta amarela, calção azul e meias brancas.

⁹ O território uruguaio ficou anexado ao brasileiro com o nome de “Província Cisplatina”, de 1821 a 1828, ano em que o Uruguai teve sua independência reconhecida.

¹⁰ Entrevista a Jorge Berraza em 29/07/1999. Disponível em <http://www.conmebol.com/articulos_ver.jsp?id=7460&slangab=S> Acesso em: 19 ago.

2004. “Es increíble, cada vez que llega esta fecha, nos hacen notas desde todo el mundo. Impacta más en el exterior que en el Uruguay. Aquello fue un buen triunfo, sin dudas, pero nada más, después se inventaron muchas historias. Es que los diarios tienen que llenar paginas”.